

Correio das Artes

Ano II Número 55

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO"

Domingo, 31-12-1950



TIGRE — Xilogravura de FOKKO MEES (holandês)

O POETA E PAPAÉ-NOEL

JUAREZ BATISTA

Esse Natal de 1950 encontrou-se com uma humanidade cismarenta, de olhar mortífero e desalentado. Esse triste Natal de 1950 — que, em países, como Inglaterra, talvez não tenha merecido mesmo as suas cores mais vivas de pompa que, naqueles mundos, só a neve pode dar — esse triste Natal da metade de um século que não deixará saudades, chegou de repente, quase sem anúncio, e deparou-se com a humanidade mais entediada, menos crente e mais dolorosa de todas que o sol cobriu. Quase o Papae-Noel se pegou só, desamparado e vulnerável, no meio dos salões. Quase encontrou a todos insônes, com as mãos cansadas de tantos apelos olvidados, de ar patético e uma absurda indiferença no olhar. Por pouco, o Santo-Claus não se decepcionou, e não fugiu, horrorizado de todos nós.

Eu, por mim, ajusto umas explicações às minhas tristezas e às minhas mágoas — assim elas parecem menos intensas, deixam a gente acreditando que se pode manobrar de verdade com os fatos. Pois bem, senhores, faço aqui uma declaração. Ai está: creio que o Santo Claus não fugiu, não correu desabalada-

mente para os confins de outros planetas mais ajuizados, creio que as suas longas barbas não se diluíram nas atmosferas rarefeitas dos espaços interplanetários, unicamente por causa de uma meia dúzia de homens como o poeta Eduardo Martins, cheios de sensibilidades, de uma terna e pura capacidade de sentir e fazer viver minúsculas emoções, fugazes instantes de plenitude emocional, compondo ou traduzindo versos de uma transparente e frágil beleza, como es-

ses, dos seus «Poemas Japoneses»:

«Não fosse o seu grito,
a garça real seria apenas
turbilhão de neve».

Porque as Tanka e os Hai-Kai, vertidos com todo carinho pelo poeta Eduardo Martins para o português, conservando toda graça e toda leveza desse difícil gênero de composição poética e oriental, revelam a presença de um homem que, obstinadamente, se liga com as coisas realmente defini-

tivas do mundo, a ponto de se confundir com elas. Um tremendo esforço, esse de vencer, esse de se esquivar, esse de fazer caso omissivo de todas essas coisas em torno de que, penosamente, gira a humanidade, e que, se fosse vivo, o meu muito querido Oscar Wilde chamaria simplesmente de «feias», como «feios» são os homens que não sabem ver, como o poeta, que

«Pousa a borbolêta
em todas as flores, menos
na espuma, flôr da água».

Os versos mais profundos que Eduardo Martins traduz trazem a marca incontestável de uma grande inspiração, de uma extraordinária aptidão para criar também belezas tão suaves e tão fáceis quanto a das «Tanka» e dos Hai-Kai. Só quem é capaz de criar é capaz de traduzir versos como esse:

«Ao sopro da brisa
leve, a sombra da glicínia
mal treme, no chão»

E somente homens como esses poderiam salvar os papae-noés deste Natal

(D' «O Norte» de 23.12.50).

AMPULHETA

GEIR CAMPOS

*S*ÃO quais dois hemisférios de um só astro
— Que a imperícia de deuses negligentes
Pelos polos uniu; e cuja vida,
Outrora interior como as sementes
Nos frutos, acontece repartida,
Refinando-se a custo nos crisóis
Contíguos mas de acesso demorado.
E o tempo nesse mundo assim quebrado,
Em vez de um como nos outros sóis,
Corre aos pedaços: nem lhe fica o rastro,
Delatando a evasão da areia fina
De uma para outra concha cristalina.

O Bibliófilo — Uma Estranha Especie

O ESCRITOR francês André Dinar, intitula, com certo humor, «ensaio de história natural» a curiosa classificação dos bibliófilos que ele estabelece. Eis-la aqui:

«O bibliófilo — diz André Dinar — é um mamífero bipede e bímano, habitando geralmente as cidades. Existem n'os de duas espécies: o que não lê e o que lê.

A primeira espécie compreende a seguinte variedade:

O bibliófilo aristocrata. Mora, por vezes, num palacete. Considera o livro como um dos acessórios indispensáveis ao luxo. Mostra a biblioteca aos convidados, após copiosos jantares, sem esquecer de revelar o preço de cada volume. Tem o mais profundo desprezo pelo livro de preço módico. Surge ele por geração espontânea e frequentemente, depois das grandes catástrofes, como a guerra. Anda ricamente trajado, aprecia a boa mesa e tem amantes. Sabe, por vezes, ler e sempre contar.

Segunda espécie: O bibliófilo caçador. Tem a astúcia de um índio Sioux. Assiste obrigatoriamente a todos os leilões de «L'Hotel des Ventes», mas por mera formalidade. Não arre mata coisa alguma. Prefere seguir pacientemente uma

A curiosa e pitoresca classificação de André Dinar

caça, cuja pista levantou. Tem predileção pelas primeiras edições. Põe todo o seu orgulho em não pagar caro, em fazer pechinchas, mesmo se é rico. Caceteia-nos com a narrativa detalhada de suas capturas. É conhecido também por contador de anedotas. Quase sempre celibatário, fumante e abstêmio.

Terceira espécie: o ma-

niaco. Desde a mais tenra infância especializou-se num gênero de livros. E desdenha os outros livros e as outras formas de atividade intelectual. Condena, sistematicamente, todas as produções estranhas ao objeto de sua mania. Cataloga os livros pelo formato, a encadernação, a época, nunca pelo conteúdo, que não tem nenhuma impor-

tância. É bilioso e teimoso.

Quarta espécie: o bibliófilo sabido. É o terror dos editores. Não coleciona senão as edições modernas. Censor temível. Não perdona a menor infração aos princípios que estabelece para si mesmo. Recusa um exemplar, porque um fio na brochura não está em harmonia com as ilustrações. Trata os confrades de legítimas cavalgadas. Não obstante se associa a estes últimos para fazerem tiragens raríssimas, porque, decididamente, os profissionais «não conhecem coisa alguma». Sem ser refratário ao casamento, reduz esta instituição as porções de uma inevitável formalidade. Quinta espécie: o bibliófilo que lê. Numa extraordinária voracidade, devora toda a colheita de suas laboriosas jornadas. Livros de toda espécie, das mais variadas categorias por ele desencavados nos mais diversos e recônditos estabelecimentos. Que lhe restara desse deboche de leitura? É o que não sabemos. Habita, geralmente, um quarto pouco higiênico, atulhado de livros, longe do centro urbano. Não possui nenhum sentido do conforto. Fuma cachimbo.

Sexta espécie: o bibliófilo real. Variedade das mais raras. Gosta de ler um bom texto, numa bela edição. Sabe apreciar o mérito do estilo, a profundidade e a originalidade das idéias, tanto quanto a qualidade da impressão. Não dá importância à raridade de um volume. Queria apenas que os bons autores fossem bem impressos e em maior número. Por esse motivo é tratado de beócio e desprezado em todos os círculos de bibliófilos. O bibliófilo sabido, principalmente, vota-lhe um ódio feroz e combatê-lo sem piedade.

A pitoresca classificação de André Dinar refere-se, evidentemente, à França, mas nem por isso será difícil em outros países, inclusive o Brasil, identificar-se esses tipos.

Exposição Luso-Brasileira de Arquitetura

A PRIMEIRA e a maior das seis exposições ligadas ao Colloquium Internacional Luso-Brasileiro teve lugar na Biblioteca do Congresso, nos Estados Unidos, onde foi realizado o Colloquium, de 18 a 21 de Outubro último. A exposição, constante de 75 fotografias, ilustrando a arquitetura do Brasil e Portugal, dos séculos 17 e 18, foi inaugurada no dia 1 do mês p. findo.

O Colloquium levou a Washington um grande número de estudiosos da língua portuguesa, para que fossem discutidas diversas questões acerca desse idioma, e diversos problemas

referentes aos países que o falam. O Professor Robert Smith dirigiu a sessão de Belas Artes e da Exposição; a maior parte das fotografias, que atualmente pertencem à Biblioteca do Congresso, foram tomadas em 1947 e 48, pelo Professor Smith e ilustram interessantes paralelos de desenho e construção entre os edifícios do Brasil e de Portugal e outras terras estabelecidas por colonizadores portugueses. Modificações de estilos arquitetônicos, empregados em Lisboa, Porto e Coimbra, foram igualmente empregadas em Salvador, Recife, Belém e Rio de Janeiro. Os caprichosos projetos feitos no Estado de Minas Gerais, na segunda metade do século 18, têm exemplos comparativos nas construções portuguesas.

A exposição incluiu igualmente a arquitetura em Angola, Açores, Macau e Índia Portuguesa, bem como no Brasil e Portugal.

Cinco outras exposições acentuaram o brilhantismo do Colloquium Luso-Brasileiro; intitulam-se: «A descoberta e exploração do Brasil», «Mapas históricos e modernos do Brasil e Portugal», «As primeiras leis editadas no Brasil e em Portugal»; «Os portugueses no Oriente» e «Documentos sobre o Brasil e Portugal, da Divisão de Manuscritos».

A União

Fundada em 1892 — Patrimônio do Estado

Diretor — DULCÍDIO MOREIRA

Correio das Artes

Direção de EDUARDO MARTINS

Redação e Oficinas:

Edifício da Imprensa Oficial — Rua Duque de Caxias
João Pessoa — Paraíba do Norte — Brasil

CONVITE PARA A VESPERA DO ANO BOM

RICHARD SPENDER

*A ETERNIDADE está no céu, além do céu,
como nos rebentos floridos da primavera próxima;
está na quietude solitária da neve,
e nas mansões de luz atrás da lua
cujas portas em abóbada sopram nuvens de melodia,
de melodia executada por dedos estranhos e celestiais.*

*Mas isso — rio silencioso e árvore e sentinela —
é apenas a imagem de um milênio
que ali está na retorcida e pendente chama da vela
projetada na adomada muralha do tempo.*

*Como tua cabeça se inclina suavemente
entre a vela e a parede do meu pequenino quarto,
uma chusma de espectros sorridentes dança;
e atira-se cantando em minha direção.*

*Nós somos o sétimo espectro de um espectro
e como a branca imagem de um cisne em espaço azul
mergulhamos na escuridão atrás das ilhas,
na escuridão e no terrível útero da morte.*

*Não há luz nem sombra,
apenas branquidão como as paredes brancas,
não há vista nem olhos cheios de vida,
apenas cegueira como as paredes cegas.
Não há vista, nem som, nem tato, nem língua,
apenas uma paz cheia de loucura, a prudência demente de uma pa-
[rede lisa e distante.*

*Sejamos espectros alegres
enquanto a flama arde assim.*

*O emudecimento e o fim estão perto;
a escuridão das ilhas caminha rapidamente para nós.*

*Vem, sê um espectro também e dança,
e, como um espectro em vôo, canta.
E que o rio cante,
o rio cante, o rio cante,
Ó canta, ó faze o rio cantar
por este momento de vida.*

*Vem, sê um espectro também e dança.
Vem, dança diante da flama eterna.*

(Tradução de Jorge de Lima)

DIÁRIO DE LEITURA

HAMILTON PEQUENO

XXIII — LAMEN-
TAVA De Sanctis que a brevidade da vida fosse de tão graves consequências para o trabalho do artista: a arte se perpetua, mas o melhor do trabalhador intelectual morre com ele. Palavras que me lembram Axel Munthe. O velho sonhador, que viveu a melhor parte dos seus dias na ilha de Capri, não pode terminar o livro que consubstanciava a experiência de uma vida voltada para a beleza: «O Drama da Velhice». Já no «Livro de San Michel», Munthe havia reunido momentos inesquecíveis, passados em seu recanto preferido, numa encantadora combinação de lirismo e enternecida fantasia. O final de um dos capítulos da obra que não concluiu reflete a sua preocupação com o fim que se aproximava, o suave desprendimento de uma vida que ainda era boa, que ainda tinha o seu encanto: «É belo passear à sombra tranquila das oliveiras de Materita, repousar na velha torre e sonhar... A torre dá para o ocidente, onde brilha o sol... Em pouco, o sol se afundará no mar e virá o crepúsculo, e virá a noite... O dia foi belo mas está findando...» Muitas versões espalharam-se sobre o solitário que se refugiara no palácio do rei Gustavo. A maledicência popular via nele um lunático, um perseguido pelos vagabundos do além. Axel estava longe das considerações que mereciam a sua solidão. Somente uma coisa era importante, naqueles albores de crepúsculo: lembrar e fixar os instantes mais luminosos dos dias perdidos. Keats ressurgia na passagem do «Endymion». Era a alegria pura das coisas mais belas, que nunca se apaga. À sombra das oliveiras, Munthe via o declínio do sol e entristecia. Estava longe o tempo em que escrevera, no «Livro de San Michel»: «A vida é bela e eu tenho dezoito anos...» Mas era maior a consolação

de poder sentir ainda o encantamento dos momentos já vividos. A paisagem confortava o seu espírito, perturbado pelas dolorosas reflexões daquela última quadra de existência. A quase cegueira e a paralisia eram os entraves mais graves para a realização do trabalho a que se dedicava. O corpo pagava o seu pesado tributo. A exiguidade da vida manifestava-se em toda a sua crueldade inapelável. Já não era mais possível renovar a chama que chegava ao fim. Apagavam-se com ele os sonhos e esperanças, — e a experiência dos dias que eram somente lembranças.

XXIV — CHEGOU a vez de Bernard Shaw. O velho sarcasta resistiu enquanto pôde, firmando-se sobre as pernas compridas que o tempo ia tornando cada vez mais inseguras. Durante mais de dois quartos de século fôra ele um implacável demolidor dos rígidos preceitos morais e religiosos que fundamentam a sociedade inglesa. Shaw ria e satirizava, e os

ingleses riam com ele. Tornara-se um ídolo, ídolo de mordacidade e satânica ironia. Sua irreverência diante de qualquer dogma ou doutrina já era um fato proverbial. E ele resistia, como um novo Mathusalém, às ciladas das Parcas que não o perdiam de vista. Nêmesis não o perdoaria. O vegetariano irlandês iria silenciar para sempre, a despeito da má vontade que tinha com as coisas do além. Nunca ambicionou um par de asas nem uma vaga de serafim. Talvez achasse que não ficava bem naquele piedoso papel. Mas possuía santas virtudes, porque jamais descerrou as suas presas para devorar um semelhante. Não era o que costumava chamar «um vulgar devorador de cadáveres», e talvez por isso mesmo, depois dos sessenta e oito anos se sentisse «em odor de santidade» como asseverou certa vez. Se isso acontecia aos sessenta, logo após os noventa — é certo que não tinha essa ambição — já teria direito a uma canonização e um nicho, de onde pudesse obrar os seus milagres. E acaso não os

saberia fazer? «É inútil enganar: o que se deve fazer é adotar as atitudes adequadas e deixar que os outros se enganem a si mesmos e se assustem com as fantasias de sua própria imaginação» (1). Não estaria aí o segredo? Shaw era um casto, a despeito das atitudes que assumia diante do sexo. Cínico ao ponto de achar que o Lady Chatterley's Lover de Lawrence deveria encontrar-se em todas as bibliotecas dos colégios para moças, pedia ao seu impiedoso biógrafo Frank Harris que modificasse certas expressões de cartas que lhe dirigira, e a «não usar uma só palavra que num convento pudesse causar escândalo» (2). Temperamento original, inquieto e contraditório. Um terrível egolatra, possivelmente receioso de que outros viessem a apoderar-se do que lhe custara anos de desenfreada auto-propaganda e angustiosas canseiras. Pelo menos, assim acreditava o seu mais severo biógrafo. Shaw nunca abandonou as suas folhas, nem o bom humor. Iria além da casa dos cem, — como boa lagarta que era — se imprevistos acontecimentos não contrariassem as suas esperanças. Sentiremos falta de Shaw. Do seu riso, das suas folhas, das «bontades», e das suas incansáveis e proveitosas maldades.



ENFERMEIRAS

ADERBAL PYRAGIBE

*SÓ as conhecem bem os que sofreram
a dôr e a solidão dos hospitais;
os que, no leito, insones, padeceram
os mórbidos suplicios materiais.*

*São arcanjos lírios das madrugadas,
a vencer mil fadigas e canseiras;
Deus — abençoa essas sublimes fadas;
todas as bênçãos sobre as Enfermeiras.*

XXV — LAWRENCE
não via no ímpeto sexual nada que justificasse a emoção intelectual, a afetividade espiritualizada. Considerava que o instinto era primário e incontrolável, e como tal deveria ser respeitado. Huxley compreendeu bem, nesta observação, o sentido espiritual a que pôde atingir o impulso amoroso, contido e superado pela razão: «Os constrangimentos que D. H. Lawrence quer impor ao impulso sexual, afim de transformá-lo em amor, não são os constrangimentos da espiritualidade religiosa, são os»
(Cont. na pag. 6)

BERNARD SHAW - Um impio diferente

WILTON VELOSO

NÃO coloco George Bernard Shaw entre os inúmeros ímpios da literatura universal. Ímpio pelo menos à maneira de Swift ou Voltaire ele não foi. A sua impiedade — se assim se pode chamar aquela rebeldia demoníaca — foi mais uma herança efêmera dos seus desencantos e íntimas decepções, do que uma qualidade permanente do seu coração e do seu espírito. Constituía antes um recurso literário do seu talento magnífico do que uma atitude de valorização sistemática da dissolução moral ou intelectual de princípios estabelecidos.

A verdade é que Bernard Shaw lutou realmente com o empenho e a sinceridade de um autêntico homem de letras — de um clérigo da literatura, diria melhor — por uma verdadeira fraternidade do espírito, esforçando-se constantemente pela dignidade da pessoa humana. Sempre com uma retidão de consciência, conservando ainda, como bom inglês que era, uma calma e um sorriso que eram armas terríveis — destruidoras quase sempre — mas que possuíam também um sentido transcendente de vida e um enorme conteúdo social e humano. Por isso foi menos espiritual do que literária aquela sua raiva sarcástica, aquela sua ironia demoníaca.

Ele não foi um ímpio, no verdadeiro sentido. Nem um subversivo. Ou um anarquista. Embora se confessasse continuamente um rebelado. Apenas não teve palavras reciosas, nem regateou, mesmo termos insolentes contra as negações teológicas de uma moral burguesa decadente e anacrônica, ou contra a incompreensão cabotina dos que envelheiam em beatitude. Por isso, a sua maior glória consistiu precisamente num autêntico sacrifício da personalidade, por uma ação direta, intransigente e heroica, contra o que ele julgava errado nos homens, ou lhes parecia ser simples

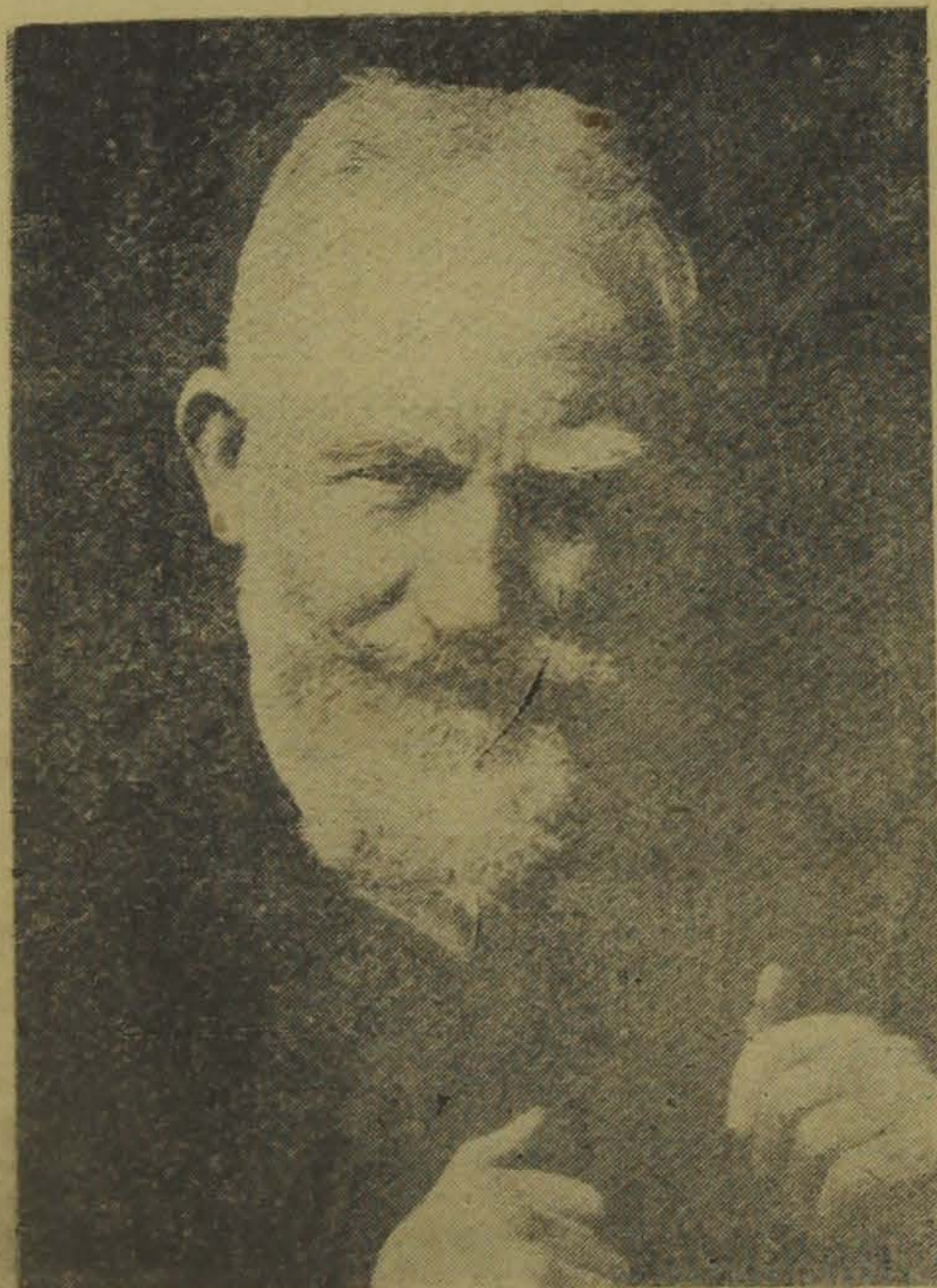
vício e corrupção da sociedade. Apenas não quis ser um contemplativo, e preferiu lutar quase solitariamente pela radical restauração dos valores humanos ameaçados e por uma verdadeira solução de uma humanidade melhor. Aquele protesto que ele colocou na boca de Mrs. Warren reflete essa generosa intenção civilisadora, essa atitude dolorosa e cética, mas também cheia de um insaciável desejo de perfeição humana: «Seja o mundo o que fôr, eu não poderei deixar de o servir».

Na literatura inglesa ele representa uma posição que é em tudo semelhante à que ocupa um André Gide atualmente, na literatura francesa. A de um homem de letras que por ter vivido muito, assistiu com a mesma indiferença e superioridade, o nascimento quasi sempre tumultuoso de algumas gerações e o ocaso

melancólico de outras. Sempre isolado, sempre desligado dos compromissos das escolas, dos sistemas, ou mesmo de princípios estéticos. Como Gide uma personalidade irredutível, contraditória muitas vezes, em constante luta consigo próprio, em permanente conflito interior, refletindo-se naquela sua invariável rebeldia contra tudo e contra todos. Mas como Gide também com o mesmo espírito penetrantemente lúcido, com o mesmo idealismo transparente, cheio de intenções e de humanismo, — um humanismo de bases fisiológicas — com a mesma simpatia cosmopolita da inteligência, e sobretudo com uma força de pensamento que fazia dele o melhor representante daquele espírito revolucionário britânico nascido em Carlyle, e que através de um Ruskin veio educar personalidades da envergadura de um Sander-

son e de um Galsworthy. Toda a sua obra é, na verdade, subjetiva ao extremo e excessivamente apaixonada, sob uma roupagem elegante, discreta, bem saxonica e original, de seu estilo admirável. Ela constitui por isso uma espécie de libelo cruel, um ponto de combate e destruição, de uma sociedade cheia de erros e vícios fundamentais, que lhe emprestavam atitudes, qualidades e defeitos que não eram os seus, e com os quais se viu forçado a viver. Os que conhecem realmente a sua obra sabem muito bem que toda ela é uma constante manifestação de remorso e de revolta. Uma luta permanente contra todas as convenções, todas as fórmulas — políticas ou literárias — contra todo sentido de rotina ou de artifício sociais de nosso tempo. E nesta luta gigantesca que ele sustentou sozinho até à morte, realizou Shaw a grande coerência de sua vida. Coerência sem tiranias absorventes, sem fraquezas intelectuais, mas de um sentido profundamente idealista e de uma real consciência das realidades dolorosas do nosso tempo. Um escritor, portanto, de ideias tão livres, como ele mesmo era livre dos preconceitos mentirosos que o cercavam. E se pessoalmente era um impiedoso ou um destruidor, como muitos pretendem, Shaw tinha, entretanto, um poder de simpatia universal que lhe assegurava um lugar de importância, e elevava as suas ideias para um plano de realidades espirituais, que quasi poderemos considerar imediatas.

Por isso não se limitou, nem se absorveu nunca totalmente por qualquer dos gêneros literários a que se dedicou. Foi realmente um poderoso artista, um autêntico creador, imprimindo em tudo quanto fazia ou escrevia a marca inconfundível de seu gênio e de sua inteligência. Escrevendo «Pigmalião» ou «O Dilema do Doutor» ele



BERNARD SHAW

ANO NOVO

YVONE PINTO

NA corrida interminável do tempo o 1950 passará o facho ao seu sucessor 1951 e assim continuará a eterna carreira através dos anos, através dos séculos.

Mai um ano se vai e que ficará guardado em nossa memória, como lembrança.

Neste ano quantos entes queridos nossos partiram para a eternidade deixando-nos uma cruel saudade, embora fiquem vivos no nosso pensamento.

Final tudo não termina na morte.

Vivemos com satisfação o presente porque é velha sentença, «que o futuro a Deus pertence».

Começemos o ano-novo com o pensamento em Deus dando cumprimento ao mandamento de amar a Deus sobre todas as cousas.

O que nos trará este ano novo?

Quantas surpresas nos prepara? Será risinho ou nos trará grandes lágrimas?

E' Deus que nos conforta e quem nos faz razoáveis e conformados.

Pratiquemos as virtudes teologas Fé em Deus, Esperança num melhor porvir, a esperança é a eterna companheira do homem.

Bem dizia Vicente de Carvalho:

«Só a leve esperança em toda a vida

Disfarça a pena de viver mais nada»

Final para que vivemos nós senão para tornarmos a vida menos difícil para os outros contribuindo dessa ou daquela maneira para a melhoria do porvir.

Todo indivíduo é útil de um certo modo. Se a vida é como o suceder dos anos, essa corrida eterna esse contínuo entregar de facho que é a transmissão da vida aos nossos descendentes todo ser deveria dar a sua contribuição a natureza dando cumprimento ao «crescei e multiplicai».

Pois se o filho nada fizer de útil o neto ou bisneto poderá fazer grandes cousas pelos seus semelhantes.

Pratiquemos a caridade, virtude de eleitos, pois a caridade bem analisada é Deus, transformado em amor ao nosso semelhante sofredor.

Diz Virginia Vitorino que «a caridade pode estar num beijo».

E terminando: seja bemvindo, ANO NOVO.

Que nos seja um ano bom.

assim dizia: «Os que porventura lamentarem tudo ter sido apenas em papel, se devem lembrar de que, até agora, somente em papel a humanidade realizou beleza, verdade, saber, virtude e amor perene».

Foi assim George Bernard Shaw, em que pese a sua aparente impiedade. Um ímpio diferente. Um ímpio que nunca permitiu que o seu pessimismo o fizesse deixar de acreditar no amor entre os homens, de

ter fé nos destinos da humanidade. E o seu último ato foi, na verdade, um ato de amor e de fé também. As suas cinzas foram misturadas — por sua vontade — às de sua companheira e espalhadas pelos jardins de sua casa de campo. Encerrando-se, deste modo, melancolicamente, mas com renovadas esperanças, um dos mais belos e brilhantes capítulos da literatura inglesa contemporânea.

DIARIO DE LEITURA (CONCLUSÃO)

duma natureza mais fundamental, menos artificial, emotiva e não intelectuais.

O impulso deve ser contido, em vez de se expandir, porque a sua demonstração

em público endureceria a alma, petrificaria o sentimento». (3).

XXVI — ABDIAS é

uma personagem que reflete aquele período imprecioso e delicado em que o homem se encontra por vezes na maturidade. Uma fase de emoções desordenadas, vivas, inquietas e torturantes. Os apelos da mocidade, as tardias paixões, não respeitam a idade nem as responsabilidades de um homem afeito a uma sóbria disciplina moral. Impossível, para Abdias, resistir à tentação de olhar, de sofrer com a presença de Gabriela. Suas antigas esperanças viviam nela, os anseios de uma mocidade sofrida e não vivida. Mas havia Carlota. Ela era a angustia do imediato e irreparável, a realidade de uma vida comprometida para novos e inéditos sonhos. O diário vai revelando os transe amargos do seu autor. A serenidade chega depois, com a morte de Carlota, a esposa dedicada e tão cheia de virtudes. «Abdias» é o melhor romance do sr. Cyro dos Anjos. Ele soube imprimir ao seu personagem toda a emoção nascida de uma afeto sem esperança. O estilo, pronunciadamente machadeano, parece mais apurado do que no «Amanuense». Algumas situações lembram o primeiro livro do sr. Cyro dos Anjos, como no caso daquela outra paixão de Belmiro, também incapaz de chegar a um fim satisfatório. Simples coincidências em histórias que se avizinham. Em «Abdias» há mais vigor na determinação dos tipos, e possivelmente mais calor humano. Um livro onde se sente a ternura do autor pelas infelizes vítimas das irrealizadas paixões.

- (1) — Frank Harris — BERNARD SHAW — pag. 211 — Tradução de Moacir Werneck de Castro — Editora Globo — Porto Alegre — 1947
- (2) — Ob. cit. — pag. 216.
- (3) — Aldous Huxley — VISIONARIOS E PRECURSORES — pag. 276 — Editora Vecchi — Rio — s/d.

se mostrou tão grande como quando realizou «Heróis», «Homens e Super-Homens», ou apenas fazendo crítica musical e teatral em «Opiniões Dramáticas e Outros Ensaios». Os seus conceitos, as suas opiniões, a sua filosofia, podem constituir para muitos um verdadeiro tratado de deveres, humanisticamente considerado, e para todos uma sugestiva modalidade de concepção de vida. Na realidade o que Shaw combatia não era propriamente as instituições, ou os homens sequer, mas uma herança social, que ele reputava de viciada e corrompida. Uma herança de injustiças tremendas, de insegurança e de ameaças contínuas. O que ele condenava era o mundo que, no seu entender, não possui estabilidade, porque não repousa sobre princípios morais justos e uma economia verdadeiramente sadia. Um mundo que traz dentro de si a própria contradição e ruína. Mundo que para ele representava apenas uma realidade histórica essencialmente antagônica.

Este é apenas um dos aspectos do seu pensamento político conhecido através de suas confissões públicas e de suas inúmeras entrevistas à imprensa. Mas o drama pessoal de Shaw que domina todos os instantes de sua obra é que perpassa continuamente por toda ela, é o seu ódio vadio, quasi feroz, que me faz pensar naquele delicioso poema de Carlos Drummond de Andrade, que principia tão cheio de solução:

«O meu ódio é o melhor de mim,
com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima...»

Embora sendo um pessimista Shaw nunca desistiu de lutar, nunca fugiu ao imperativo de combater ferozmente por uma vida melhor, porque para ele «a luta de um homem dentro do mundo independe do seu êxito ou da sua utilidade. Porque mesmo quando tudo estiver perdido, ficará como um exemplo, como uma semente, como um protesto». E numa das suas cartas a Elen Terry, ele

CONVERSA "SOBRE" TEATRO

GERALDO CARVALHO

TANTO os intelectuais como o povo de Natal viverão dentro em pouco um dos mais felizes momentos artísticos empreendidos por um grupo de destemerosos jovens, com a montagem de «AS MÃOS», em adaptação de um conto de Sherwood Anderson, pelo autor desta reportagem e Newton Navarro, que também criou a concepção surrealista do cenário.

Nada falta ao grupo: amor, paixão, força de vontade, espírito de luta e inteligência. Coesos e firmes nada poderá destruí-los: a calúnia, a intriga dos bastidores ou a prepotência. Os integrantes estão concios das responsabilidades que assumiram perante si e o povo do Natal. Não recuam ou se deixarão vencer pelo elogio fácil ou imposição mascaradas.

Se construíram qualquer coisa de duradouro na arte cênica da provincia, como a tentativa de «O Muro», de Jean-Paul Sartre, tentativa esta acolhida com os mais desvanecedores aplausos, aplausos que caíram fundo em seus corações e germinaram cada dia, e sentindo eles que seu destino era irrefreável como a marcha do girasol.

A compreensão do público que compareceu a estreia de «O Muro», consagrando-o como marco de uma nova era artística nos anais da provincia, resolveu «Os Farsantes» depois de longa ausencia e estimulados por aqueles aplausos que ainda ressoavam, tomar a peito a reorganização do grupo para dar não só em espetáculo porém brindar este mesmo público com uma temporada de verão e com o que de mais fino é levado à ribalta do Rio, Paris e Londres.

Pecas como «As Mãos», «Navio de Pedra», «Cantam as harpas do Sião», «O Muro» e «Edipo-Rei», verá o povo no tradicional e acolhedor Teatro Carlos Gomes.

Não se sentem «Os Farsantes» de nenhum modo a-

«Os Farsantes» e as tentativas de teatro de arte — Conversa com os personagens de «As mãos» — Concepção de cenário surrealista

cuados ou inibidos porque sabem através do manifesto público que, construíram qualquer coisa de duradouro e perene, e que o tempo destruidor implacável, não conseguirá apagar da memória daqueles que compartilharam e ainda acompanham com simpatia os passos e esforços em prol da emancipação teatral amadorista da provincia do Natal.

Para melhor compreensão entre o público e «Os Farsantes» e também auscultar as opiniões, fomos em busca de um ligeiro tête-à-tête com os personagens. Saímos á procura do pintor Newton Navarro, responsável pelo cenário, indo encontrá-lo a dar os últimos retoques no mural do Centro Estudantil Potiguar. E interrogamos o Newton:

— Que relação existe entre o cenário e o drama desenrolado em «As Mãos»?

— Sobre o cenário que imaginamos para a magnífica peça «As Mãos» de Sherwood Anderson, tenho a repetir o que tanto já tenho conversado com os meus amigos. Num século dos Sartre, dos O'Neill, dos T. S. Elliot, dos Barrault, de completa revolução no texto, na forma literária; a «plástica» tinha forçosamente de sentir a mudança e a subida em planos superiores. O cenário será as-

sim, aquela definição de Thornton Wilder de que cada espectador deve inferiormente criar a paisagem onde os personagens vivem o drama. Nós o que faremos em «As Mãos» é tão só o arranjo de algumas retas curvas, planos para que o povo junte com esses traços o mundo interior do infeliz professor Wing Biddlebaum. Assim chegaremos a conclusão de que o cenário tem que se identificar com o drama.

Do Centro Estudantil Potiguar rumamos a Ribeira, Café de Luiz de Barros, local preferido pelos dois outros personagens: Marcelo Fernandes e Ticiano Duarte. Ali mesmo resolvemos entrevistá-los. A primeira pergunta a Marcelo Fernandes foi:

— Como sente você o drama do personagem central da peça «As Mãos»?

— O drama do professor Wing Biddlebaum profundamente intenso e introspectivo, eu o encaro como uma das criações mais humanas na existência de personagens de toda uma literatura. Não se deve, absolutamente, deixar de considerar o trabalho dos responsáveis pela adaptação como sintoma da grande evolução do teatro universal pela arte de representar. Como drama, eu considero sua interpretação

alguma coisa de formidável neste século de Jean-Louis Barrault.

A Ticiano Duarte, es-treante, perguntamos: como encara a encenação de «As Mãos», e a mensagem de fraternidade humana nela contida?

«As Mãos» é uma peça profundamente introspectiva. Trata-se do drama de um homem incompreendido, mas que possui um grande coração, totalmente isento de maldade. A sua encenação na provincia é mais uma tentativa de teatro sério feito pelo «Os Farsantes». E a mensagem de fraternidade humana que ela contém é um grito de revolta contra tudo que significa o direito pela força. Esperemos para ouvir de perto Wing Biddlebaum dizer o seu drama e a sua revolta contra o tempo do desprezo, a ignominia e a intromissão no direito sagrado dos seus silêncios.

A sombra de um copo de gin no «Cruzeiro», em companhia do contista Aluizio Furtado, solicitamos suas impressões de leitura de «As Mãos». Assim nos respondendo ele: «Drama profundamente humano, sua representação entre nós não deixa de constituir mais uma grande arrancada de «Os Farsantes» contra o reduto do lugar comum. Li com o maior interesse o sugestivo drama sobre a vida de um homem que trazia nas mãos uma mensagem estranha, tão estranha que ele próprio desconhecia.

Peça surrealista de grande folego, não tenho dúvida de que contando com a colaboração de artistas consagrados como Marcelo Fernandes, Newton Navarro e Ticiano Duarte, «As Mãos» está fadada a movimentar a pacata vida teatral do Rio Grande do Norte. Apesar de sua presença quero salientar o trabalho metódico e honesto com que foi feita a adaptação, parabenizando a todos os que colaboraram direta ou indiretamente para a sua encenação.



Renovação Literária Contemporânea

SYLVIO DE MACEDO



A LITERATURA nos nossos dias passa por uma grande renovação, ainda não pressentida pela maioria dos intelectuais. Estes, quase sempre (para não se dizer a negativa formal) vivem das migalhas deixadas pelos que se foram e deixaram sulcos. Não prosseguem a arrancada penosa da criação e estacionam nos velhos métodos e atitudes já de há muito superadas.

É de se lamentar a penúria dos que vivem ainda num puro «esteticismo» á «outrance». Sentimos a profundidade do abismo que separa esses seres daqueles que acompanham a verdadeira evolução das letras. Está provado que eles não se capacitaram para os novos tempos.

Repisamos aqui velhos caminhos. Reproduzimos velhas fórmulas. E a maravilha é que muitos pensam que estão dando algo de novo á paisagem literária!

Estamos distanciados, não há dúvida, desse avan-

ço crítico literário que se processa na França, e principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Não podemos ou não sabemos aqui avaliar o sentido desse movimento renovador nos países anglo-saxónicos. Uma grande revolução nos processos literários vem se fazendo nesses países.

Exemplos vigorosos dessa renovação literária são, nos Estados Unidos, os seguintes órgãos, cuja leitura nos é hoje indispensável á compreensão do fenómeno: «THE SEWANE REVIEW» «PARTISAN REVIEW» «WESTERN REVIEW» e «COMPARATIVE LITERATURE».

Notadamente esta última publicação, sua importância não pode ser nem sequer pressentida pelo leitor. Só a leitura direta,

a interpenetração, pode dar uma ideia precisa. O número 3 que estamos consultando, agora recebido, traz, por exemplo, um estudo profundo, maravilhoso, de Jean Hanwiss, intitulado «A MULTIPLICIDADE DOS PLANOS FONTE DE EMOÇÃO». Não sabemos o quanto a agudeza de espírito, a virilidade do estilo, a emoção da frase podem atingir, nessas páginas.

Enquanto isso, aqui, nós debatemos com o «empirismo literário», o regime da «crônica graciosa», a dispersão e um falso humorismo que compromete a seriedade de propósitos da verdadeira literatura.

Um crítico como Lionel Trilling, em sua obra que está sendo de grande repercussão, a importante «THE LIBERAL IMAGINATION» — provoca uma

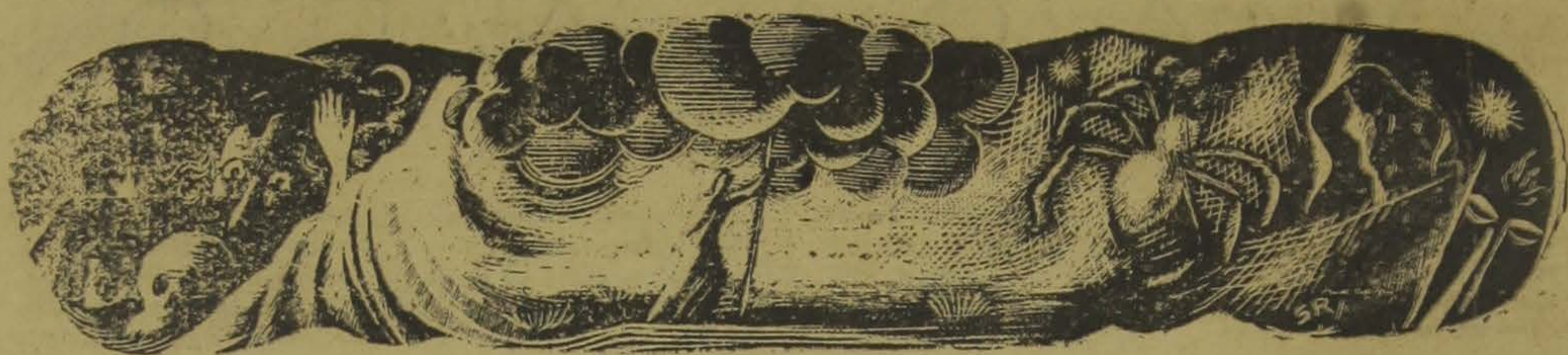
revisão de certos conceitos de significação mais ampla do que os quadros puramente literários. Demonstra a impraticabilidade do conceito de literatura nos nossos dias, como simples jogo discursivo. A leitura dessa obra é necessária por quantos se interessarem pela evolução da crítica.

Walter Lowrie, por seu vigor de pensamento, a originalidade das ideias, o poder sugestivo das imagens, investe sobre uma compreensão imprecisa do existencialismo (em seu trabalho «Existence as understood by Kierkegaard and Sartre»).

Finalmente, essa nova literatura é a superação do neo-romantismo (que viceja no nosso país com vários nomes, sendo que a nossa maneira de «compreender» é ainda eminentemente romântica). Romantismo ou neo-romantismo que significa «improvisação», ausência de concentração, de rigor.



CHUVA — Desenho de Appie



Vinheta de SANTA ROSA

VÉSPERA DE ANO NOVO

Aloysio BRANCO

OS ponteiros dos relógios irão bater meia noite
com um som lugubre de dobre a finados.
Nas folhinhas intactas
pregadas carinhosamente às paredes
por mãos sonhadoras
os números dos dias multiplicam entre si felicidades.
Mas no sorriso cético e cheio de apreensões
dos chefes de família cansados
vê-se uma multidão invisível de XX
que dá um sentido mais matemático
e mais humano às folhinhas.
Tenho vontade de arrancar uma a uma
todas essas folhas brancas que marcam os dias vindouros
como se arrancasse futuros cabelos brancos.
Essas folhas têm uma ameaça de velhice
que faz os rostos lindos das mulheres
pensarem com mais fé
nos milagres dos Institutos de Beleza
em cuja química os espinhos das rosas de Santa Terezinha
entram para estragar as epidermes
depois dos efeitos passageiros.
Têm uma ameaça importuna de vida
que acorda muitas tendências inconscientes para o suicídio.
Têm uma ameaça de morte
que inquieta até os proprietários de casa mortuárias.
Entretanto, a voz carinhosa dos sinos das igrejas
convida-me para um passeio no eterno
onde este medo ao tempo desconhecido
faria as estrelas darem boas gargalhadas.
Na rua, uma canção indiferente de bebado
rarga todos os lutos antecipados no pensamento
dos que estão esperando desenlaces.
A mão do Anjo da Guarda dá corda no meu relógio
para que ele trabalhe durante todo o ano seguinte
sem marcar horas de desdita para mim.
Amanhã passarei telegramas de FELIZ ANO-NOVO
a todos os burros de carroça da cidade
e á alma duma namorada minha que morreu.

MACHADO

CAMPOMIZZI FILHO

A ATIVIDADE literária de Machado de Assis se estendeu a todos os gêneros, desde a crônica ligeira ao romance, desde os poemas ao conto, revelando-se o mestre como verdadeiro senhor da concepção artística em todos os seus trabalhos. E se os livros editados mereceram do público e da crítica a consagração definitiva que os projeta através os tempos como o ponto mais alto de nossa literatura, o autor se ergueu aos olhos das gerações como o gênio máximo das letras indígenas.

Dai os estudos que tem suscitado, os ensaios tentando descobrir-lhe as razões da criação literária, os entendidos procurando conhecer os caracteres morbidos dos personagens como reflexos do autor.

Mulato nascido de pobre pintor de morro, o menino José Maria criou-se sob o teto de um lar triste, a mãe falecida cedo, os encargos da pobreza obrigando-o ao trabalho enorme de entrega da roupa lavada. Passou daí à sacristia de Santa Rita, ajudando nos mistérios da igreja, batendo sino para os exercícios religiosos, estudando com dificuldade nas horas vagas. Quando conseguiu um lugar de aprendiz na Imprensa Nacional, novos horizontes se abriram aos seus olhos sonhadores. O barulho dos prelos e o cheiro da tinta chamaram-no aos livros, procurando aprofundar-se nos conhecimentos humanísticos.

E começa então a carreira luminosa do escritor brilhante, deixando no jornalismo da metrópole as amostras significativas de seu talento de escôl. Mas o filho da lavadeira trazia nítida na alma a tristeza dos primeiros dias. E tenta no romance criar situações felizes, envolvendo os personagens de uma grandeza para ele desconhecida, como se quizesse apagar da memória os tempos árdios da infância e os onus da mocidade.

H. Pereira da Silva, jo.

vem valor da nova geração, procurou, rebuscando a obra machadeana, estudar a sua possível mania de grandeza. As conclusões a que chegou o ensaísta foram enfeixadas nesse magnífico «A Megalomania Literária de Machado de Assis», que a Editora Aurora apresentou ao público em simpático volume. E o leitor, com interesse, folheia os capítulos do livro, descobrindo a sinceridade do autor que procurou fazer luz sobre esse aspecto literário do romancista que, em páginas das mais vibrantes das letras de língua portuguesa, tem conseguido manter-se como um ponto de atração a todos quantos se interessam pela arte.

Há em cada obra um instante de confissão. E Machado, que parece fotografar-se nas «Memórias Póstumas de Braz Cubas», procura elevar-se pela situação

privilegiada do memorialista, impressionando favoravelmente como um perdulário que afirma vaidoso: — «Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de reis». E isso dito por aquele que, modesto principiante de tipografia, jovem sonhador de dezessete anos, mal ganhava para viver humildemente e sem poder comprar mesmo uns livros mais para a multiplicação dos conhecimentos adquiridos.

H. Pereira da Silva, aguçado crítico que se apresenta semanalmente ao público no estudo e na divulgação dos valores das artes plásticas, veio demonstrar agora a sua erudição e o seu modo clarividente de ver as coisas. Porque «A Megalomania Literária de Machado de Assis» é uma contribuição notável ao conhecimento da obra machadeana. E quando mais

uma vez o mundo leitor se volta ao mestre, mais necessário se torna sentir-lhe as sutilezas do estilo e todo o vasto mundo que circula nas suas entrelinhas.

Machado de Assis foi sempre um introspectivo. Jamais se revelou mesmo aos mais íntimos. Era um caráter reservado, casmurro. H. Pereira da Silva demonstra que em todas suas atitudes estava presente a sua mania de grandeza literária, esfravada principalmente nas «Memórias Póstumas».

O livro do jovem autor se desenvolve numa exegese dos escritos de Machado de Assis, longe de querer diminuir-lhes o valor, mas revelando bem toda a beleza que se destaca das páginas eloquentes, onde palpita o gênio.

E' certo que em mais de um século de vida literária o nosso país pouco tem feito aos olhos do mundo. As influências alienígenas continuam agindo aqui, inspirando os novos, que ainda agora se deixam levar por Kafka e Proust, não possuindo as nossas letras uma côr local capaz de passá-las ao universal. Machado, entretanto, foi a voz mais forte surgida na terra. E se bem exista nos seus capítulos um trave de tristeza, essa mesma atrai o leitor, prende-o, colaborando para que dos demais povos continue um certo interesse em conhecer a nossa ficção.

E' certo que os seus inimigos acusam-no de não haver participado da campanha abolicionista que ao seu tempo abalava os fins do império. Mas aí estará talvez uma face de sua megalomania, a de não querer mostrar-se um mulato.

H. Pereira da Silva tenta compreender Machado de Assis. E o fez com alto conhecimento de sua obra, valendo o ensaio como um testemunho de que Machado de cada vez mais se afirma como o centro das letras pátrias em quatro e meio séculos de vida nacional.



VERSOS DE NATAL

MANUEL BANDEIRA

ESPELHO, amigo verdadeiro,
Tu refletes as minhas rugas,
Os meus cabelos brancos,
Os meus olhos miopes e cansados.
Espelho, amigo verdadeiro,
Mestre do realismo exato e minucioso,
Obrigado, obrigado!

Mas se fosses mágico,
Penetrarias até ao fundo dêsse homem triste,
Descobririas o menino que sustenta êsse homem,
O menino que não quer morrer,
Que não morrerá senão comigo,
O menino que todos os anos na véspera do Natal
Pensa ainda em pôr os seus chinelinhos atrás da
[porta.

MARGARIDA

Conto de CARLOS ROMERO

MAL levanto os olhos do prato de sopa e vejo as pernas de Margarida. Enquanto ela vai falando, com aquela sua voz tagarela, e aquele jeito irrepensável de conversar, esquece de mim. Eu posso então apreciar-lhe a beleza dos braços nus e o encanto de seu rosto rosado, rosto de quem sente vergonha de alguma coisa.

Margarida hoje botou um vestidinho cor de rosa, simples, mas que lhe dá muito realce.

Não gosto do pessoal da Pensão em que estou morando. Detesto essa gente imbecil, rotineira, amiga dos mexericos e que corta com facilidade a vida alheia. Sei que dizem o diabo de Margarida. Também não é para menos. A menina às vezes, faz das suas. Ouvi dizer que ela anda aos beijos e aos abraços com o estudante de medicina, coisa que eu não acredito, pois o quarto do rapaz fica perto do meu, e, para dizer a verdade, nunca testemunhei nada que viesse comprometer a reputação da garota pensionista. O estudante de medicina, pelo menos aparentemente, é incapaz de um gesto de audácia. Vejo-o sempre adormecido, queixando-se de dores no estômago, reumatismo, parecendo-me mais uma caixa de doença. Acho que ele acertou com a profissão, porque como médico, terá bom proveito pessoal. O primeiro cliente será ele mesmo, creio eu.

A voz de Margarida domina as demais. É uma voz gostosa, meio maleducada, seguida sempre de uma gargalhada espalhafatosa. Agora mesmo ela me olhou disfarçadamente, cochichou qualquer coisa ao ouvido de d. Ernestina, uma senhora de cara enfadada, cujo marido anda fóra. O homem é caixeiro-viajante, e somente duas vezes por semana aparece por aqui. É uma festa quando ele chega. Margarida não o deixa de mão. Com a sua chegada, temos anedotas

para o resto da vida. E quem mais vibra com as piadas é Margarida.

Certa vez, ela chegou ao meu quarto, toda maliciosa, enquanto eu me punha a folhear alguns jornais:

— Dá licença seu Claudio?

— Entra beleza — respondi sem me levantar da cama.

Uma opressão agradável tomou conta de mim. Sentí um sufocamento de coisa boa que vai acontecer. Margarida olhou-lhe meio desconfiada, insinuou-se pelo canto da parede, chegou até a minha banca e fingiu interessar-se pelos livros que estavam ali. Ti-ve receio que alguém da pensão viesse ao meu quarto, naquele instante. Pensariam sem dúvida que eu estava conquistando a menina.

— Algum romance para mim? — perguntou Margarida, num trejeito provocante.

— Tem não Margarida — respondi-lhe — os livros que tenho não lhe servem...

— Improprio? — indagou ela num sorriso malicioso.

— Não. Mas você os acha enfadonhos — disse numa tom paternal.

Margarida baixou a cabeça e se pôz a folhear os volumes, aguardando naturalmente qualquer coisa. O silêncio me incomodava. Desejava ser mais comunicativo com a menina, mais expansivo. Notei que Margarida não gostava do meu gênio. Fiquei contemplando os seus braços nus, morenos, os pequenos seios, a boca sensual convidativa para um beijo violento.

Se eu a puxasse pelo braço, lhe fizesse uma carícia demorada, tenho certeza de que ela gostaria mais de mim. A conveniência me fazia impassível.

Depois de virar algumas páginas de um livro, Margarida voltou-se para o meu lado, olhou-me longamente e quebrou o silêncio:

— Está doente?

Passos no corredor. Margarida apressa-se em sair do quarto. Fica auscultando o intruso, e, num rateio logo rápido, retira-se. Deixa-me o perfume de seu corpo saído do banho, perfume de sabonete e pó de arroz.

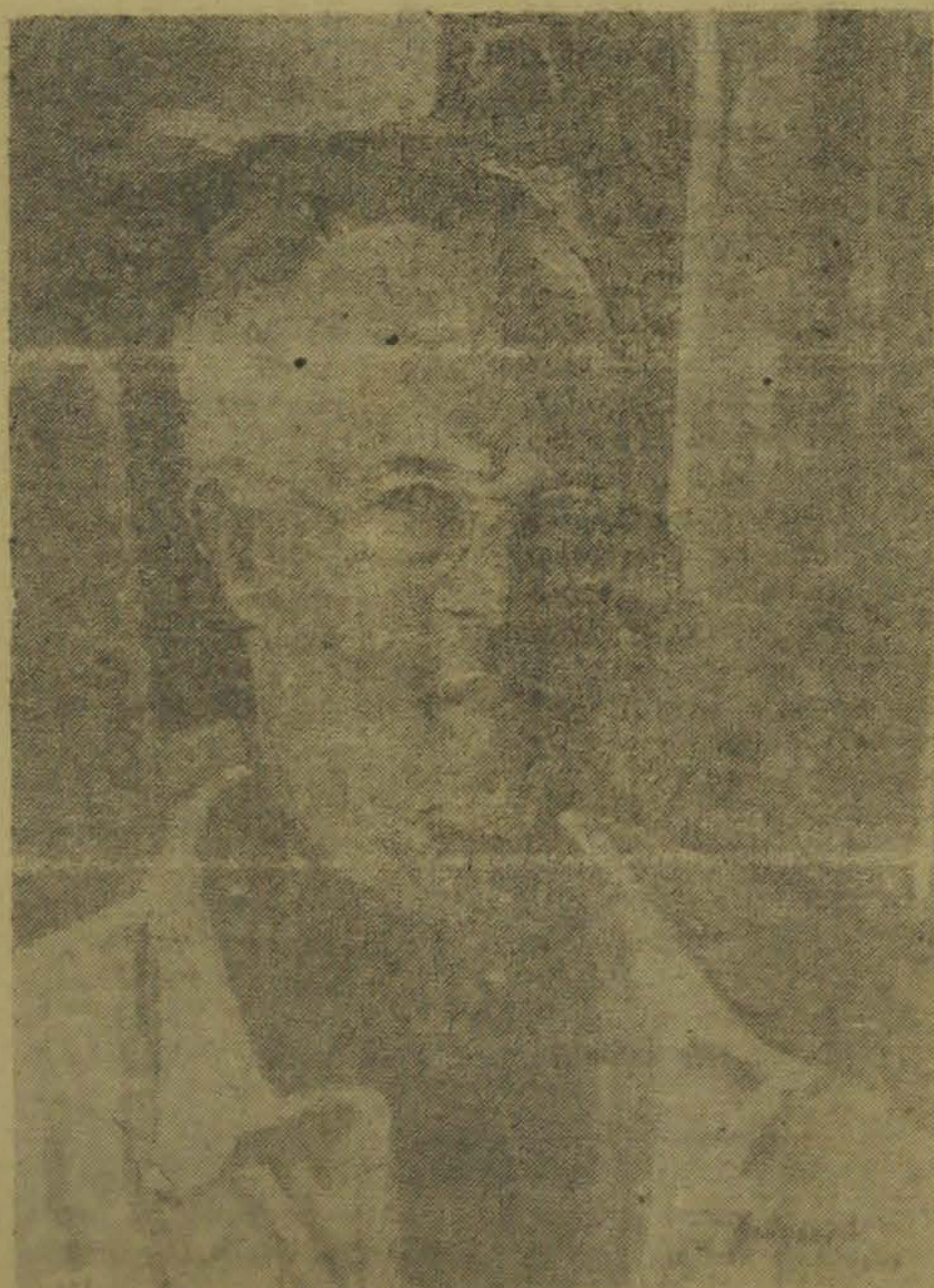
Nesse momento, Margarida cruza as pernas de um modo inconveniente. Fala alto demais; entra na vida de todo mundo. O garçon, ou melhor, o rapaz que nos serve, me pergunta admirado, ante a minha demora em engulir a sopa:

— A sopa está quente, seu Claudio?

Não; — respondo ao moleque, mas verifico que todos já acabaram de saborear a primeira refeição. O seu Heristal, funcionário público aposentado, já entrou no Teijão, sem piedade. Colheradas e mais colheradas vão enchendo a boca funda e desdentada. Seu Heristal é o sujeito mais comprido que já conheci. É um poço de sofrimentos, fracassos e doenças. Resmunga e geme a noite toda.

O moleque Severino me traz a segunda refeição. Estou hoje sem apetite. Margarida se delicia com o doce de goiaba. Os lábios carnudos se lambuzam de caldo e eu fico a imaginar como seria bom beijá-los assim... Uma voz chega-me do passado: «A hora da refeição é uma hora sagrada... Nosso Senhor está presente».

Não sou religioso, mas obedeço ao conselho da tia Ambrozina. Lembro-me da velhinha supersticiosa que todos respeitavam. Parece que estou vendo a cara enrugada, o corpo raquítico envolvido num chale. O sol



AUTO-RETRATO — Guignard

...nunca teve o prazer de en-
contra-la na cama. Quando
o sino badalava, ela gemia
dentro de casa: «Deus está
chamando...»

Tenho a certeza de que
tia Ambrosina amaldiçoaria
Margarida.

Faz-se um pequeno si-
lêncio na sala. O papagaio
grita lá fóra. Margarida
palita os dentes, numa
póse de atriz. O seu He-
rystal escolhe uma pílula
dentro de uma caixinha.
Cacarejar de uma galinha.
Assustada... Mormaço. No-
vos hóspedes vêm chegan-
do...

Preciso deixar esta pen-
são o mais depressa possí-
vel, pois o seu ambiente
não me agrada. Margarida
é uma tentação. Afóra
aquela visita ao meu
quarto, aconteceu hoje pela
manhã, o seguinte:

Quando eu me levantei da
cama e me dirigi ao ba-
nheiro, dei com a jovem
pensionista no corredor.
Ela levava uma toalha no
pescoço e uma saboneteira
na mão. Passou por mim
gingando o corpo, cumprimen-
tou-me pilherica e se-
foi para o banheiro. Isso
me aborrecen. Tive de es-
perar que ela terminasse o
banho por muito tempo. Fi-
quei perto da porta, ouvindo
o chiado do chovisco e
os sambas que Margarida
cantava, enquanto dava pul-
tos e berrava.

— Fechem a torneira!!!

Não pude me livrar da
imagem de Margarida de-
baixo do chuvisco. Admi-
rava-me da vivacidade da
menina, a sua carnção sa-
dia, o seu amor à vida, a
sua irresponsabilidade.

O chuvisco parou. Mar-
garida havia deixado de
cantar. Depois a sua voz
me veio quasi num cochi-
cho.

— Seu Claudio, estou
acabando... espere um
pouquinho...

— Tem pressa não —
mentil.

O sol queimava a paisa-
gem. Folhas de bananeira
se agitam ao vento. O pa-
pagaio me assusta. Olho
p'ra cima e percebo que ele
quer descer. Seus olhos cas-
tanhos brilham assustados.

— Seu Claudio... — a
voz de Margarida exprime

Concurso Livro de Contos

Edições TENTATIVA

COMISSÃO JULGADORA — Sérgio Milliet, Antonio Cân-
dido e Osmar Pimentel.

*TENTATIVA, o conhecido jornal literário de
Atibaia, que circula em todo o Brasil e no exterior,
publicando matéria inédita dos maiores escritores
nacionais, no sentido de possibilitar o aparecimento
de valores novos em nossa literatura, instituiu um
concurso para um LIVRO DE CONOS, cujo regula-
mento, pelo seu interesse, publicamos na íntegra.*

REGULAMENTO

1) — Poderão concorrer
autores nacionais ou
estrangeiros, devendo
os originais serem
escritos em portu-
guês.

2) — Os originais compre-
enderão no mínimo
20 páginas e no má-
ximo 30, em forma-
to ofício, datilogra-
fadas em espaço du-
plo, com três cópias,
trazendo pseudôni-
mo do autor. Os ori-
ginais deverão se-
compor de 3 contos,
no mínimo.

3) — Haverá uma taxa de
inscrição de vinte
cruzeiros (cheque ou
vale postal).

4) — Os originais deverão
ser remetidos para
«TENTATIVA» —
CX. POSTAL 22,
ATIBAIA — EST.
SÃO PAULO. A
identificação do au-
tor deverá vir em
envelope à parte, fe-
chado, contendo os
seguintes elementos:
pseudônimo, nome
por extenso do autor
e endereço (rua, ci-
dade e estado).

5) — O prêmio se consti-
tuirá da publicação
da obra escolhida,
numa tiragem de
1.000 exemplares, dos
quais 200 serão ofe-
recidos ao autor.

6) — A edição sairá com
ilustrações especiais.

Serão impressos 10
exemplares em papel
especial, com gra-
vuras originais fóra
do texto, dos quais
dois serão ofereci-
dos ao autor.

7) — O concurso será jul-
gado por uma comis-
são composta de três
membros, convida-
dos pela direção de
TENTATIVA entre
figuras de destaque
da critica nacional.
Os nomes serão di-
vulgados brevemente
pela imprensa.

8) — O concurso fica aberto
da data desta pu-
blicação. Os originais
só serão aceitos até
31 de março de 1951.

9) — Se a Comissão deci-
dir que nenhum dos
concorrentes apre-
sentou obra à altura
do prêmio, será
prorrogada por mais
três meses a data da
recebimento dos ori-
ginais, não havendo
após esse prazo ne-
nhuma outra pror-
rogação.

10) — Os originais não se-
rão devolvidos. Os
contos dos livros não
premiados que pos-
suírem qualidades pa-
ra publicação, po-
rém, serão divulga-
dos com ilustrações e
destaque através das
páginas de TENTA-
TIVA.

belos úmidos com a toalha
relpuda:

— Custei muito?!...

Tenho um sorriso encabu-
lado.

— Tolice, Margarida.

E sem geito, vou entran-
do para o banheiro, rece-
bendo no corpo todo o calor
perfumado da menina.

A noite se prolonga;
avança em busca do dia, en-
quanto os galos cantam, ilu-
didos com o luar... O céu
está iluminado de estrelas.
Uma calma inocente cobre
tudo. O funcionário aposen-
tado ronca. O estudante de
medicina estuda alto. Eu fi-
co a fumar, aguardando a
chegada do sono esquivo. Da
janela, me chega uma gol-
fada de vento frio, que me
beija e me faz lembrar his-
tórias de romance. O relo-
gio bate 11 horas. O estu-
dante de medicina deixou
de estudar. O funcionário
aposentado solta um gemi-
do longo... Margari-
da... Como será ela dor-
mindo? A noite me faz
pensar no futuro de Mar-
garida. Sua história é tris-
te. Segundo soube, ela é
orfã de mãe, e o pai vivo
caindo pelas esquinas e dor-
mindo na chefatura... Ima-
gino Margarida rica, feliz,
bem educada... A noite me
sugere pensamentos puros...
Margarida é a única nota
alegre desta pensão sem
graça.

A refeição hoje decorreu
monótona, sem a voz de
Margarida.

A menina não comparteci-
ceu, e isso me fez sentir
saudades dela. Não quero
acreditar no que disse o
moleque Severino. Acho que
é mais uma calúnia, mais
um boato, mais, uma in-
triga contra a garota. O
negro chegou-se para mim
e segredou, com prazer:

— Sabe, seu Claudio, d.
Margarida fugiu ontem
com um sargento da Aero-
nautica...

Não dei crédito. Só sei
que até agora ainda não
vi Margarida. Será que o
negro falou a verdade? Noto
um mistério em tor-
no de tudo isso. O dono
da pensão ainda não apa-
receu. Ouço vozes vindas
(Conclue na pág. 14)

receio — se quizer entrar...
estou quasi vestida...

Uma onda de sangue me
enche a cabeça. Uma espe-

cie de angustia ou medo
me invade todo. A porta se
abre e Margarida aparece
sorrindo, enxugando os ca-

WILLIAM FAULKNER

Exclusividade do USIS para CORREIO DAS ARTES

OS romances de William Faulkner provocaram mais controvérsia, mais críticas e mais elogios do que os de quase todos os outros escritores contemporâneos norte-americanos. Entretanto, até mesmo na opinião daqueles que o criticam, Faulkner é um dos grandes romancistas e contistas dos Estados Unidos.

Faulkner foi recentemente agraciado com a Medalha William Dean Howells, atribuída de cinco em cinco anos pela Academia Americana de Letras e Artes ao autor da mais distinta obra de ficção norte-americana publicada no período anterior.

Sua principal contribuição à literatura norte-americana consiste em uma série de dezessete romances — geralmente considerados como uma «Saga do Sul» — na qual os mesmos personagens aparecem, desaparecem e reaparecem. O escritor teceu uma lenda contínua em torno da vida e das aventuras desses personagens que, como disse um crítico, «parecem emanar da terra».

Poucos autores retrataram uma região ou um povo com tanta fidelidade quanto Faulkner demonstrou na retratação de sua gente e seus vizinhos, assim como da região em que nasceu. Seus romances foram considerados como «projeções do conflito interior do autor com o mundo que o cerca». Nascido de uma família sulina outrora próspera e cuja fortuna se desvaneceu durante a Guerra da Secessão (1861 — 1865), Faulkner cresceu pobre e ressentido da pobreza. Jefferson, cidade imaginária que criou em seus romances, é na realidade, segundo afirmam, a sua própria cidade natal de Oxford, no Estado de Mississippi. Faulkner nunca negou que os personagens de seus livros sejam caricaturas de seus próprios vizinhos e parentes.

Demonstrou sempre grande amor pela região de seu nascimento e pelo povo que a habita, mas seu amor é cheio de julgamentos estranhos e perturbadores. Certo crítico disse que Faulkner «escreve como homem que ama tanto sua terra que teme pelo bem estar de toda criatura que nela surge».

Os primeiros livros de Faulkner foram experimen-

tais em sua forma e não obtiveram pronta aceitação por parte dos críticos e do público leitor. Classificaram-no como um «renegado» e um «místico mórbido» cujas histórias não podiam compreender. Os próprios editores recusavam seu «estilo críptico de corrente da consciência». Intrepidamente, Faulkner continuou a escrever e a experimentar. Para sustentar,

se trabalhou como pintor, carpinteiro, agente postal, entregador de carvão, guarda-noturno e caixeiro de livraria.

Finalmente, escreveu deliberada e friamente uma história sensacional de horror a que deu o nome de Sanctuary. Foi o primeiro de seus romances a conquistar ampla aceitação. Os direitos autorais dessa única obra, depois da qual já escreveu 16 outras, ainda sustentam sua casa em Oxford, que tem mais de 100 anos de idade e na qual vive com sua esposa Estelle e sua filha Jill.

Embora muitos agora o considerem como um dos maiores romancistas contemporâneos da América, Faulkner continua a confundir os críticos com sua prosa complicada. Usa períodos longos e complicados, que às vezes se estendem por páginas inteiras. O emprego que faz da pontuação é imprevisível. Tem um estilo irregular e rejeita todas as sugestões que lhe fazem para desenvolver uma noção de forma ou técnicas de redação mais claras.

«Se a história está dentro da gente», diz ele, «ela tem de sair».

Ainda outros criticam seu humor grotesco, sua linguagem obscura e a contemplativa intensidade com que trata a tragédia.

«Seu mundo», escreveu certo crítico, «é um reino do de pesadelo sombriamente refletido através de lentes de distorção».

Dizem que Faulkner não tem a menor noção crítica de suas obras e não lê o que sobre elas escrevem os críticos.

Faulkner é um homem baixo, magro, de cabelos e bigodes grisalhos e olhos penetrantes. Fala devagar e com hesitação. Alguns consideram «insolentes» suas maneiras. Outros dizem que sua rudeza é resultado de sua timidez e de sua aguda sensibilidade.

Nascido em 1897, Wil-

SOLIDÃO SEM MAR

CYRO PIMENTEL

GAIVOTAS sobre o mar
Alçam vôo para os céus:
Sobre a terra e sem asas
Sou saudade e solidão.

*Sob estrélas luzidias
Aves se extasiam em cor:
Neste bosque iluminado
Pouso sonhos e cansaços.*

*Embriagado de maresia
Sentí o céu me envolver.
As gaivotas já são deusas
Em nereidas incarnadas.*

*Neste imenso ar color
Os corpos eram fôlhas.
As bocas como rosas
Em luzes embebidas.*

*Beijar era o mesmo que voar
E o próprio amor era dança;
Só o altar de nuvem
Apenas morte, não era sonho.*

*Noutros bosques iluminados
Gaivotas novas em delírio
Com a alma incendiada
Sonhavam mares e fontes.*

*Deus de um impróprio mundo
Sorvi o azul dos céus
E o lamento nas horas esguias
É agora, ó solidão sem mar!*

William Faulkner nunca chegou a concluir um curso escolar. Frequentou a escola secundária e matriculou-se em alguns cursos especiais na Universidade de Mississippi, que fica perto de sua cidade natal de Oxford. Passou, porém, a maior parte de sua infância lendo e escrevendo versos.

Durante a primeira guerra mundial, alistou-se na Força Aérea Canadense e foi enviado a França como tenente. Terminado o conflito, regressou a Oxford e reiniciou seus esforços escolares com aparente indiferença. De tempos a tempos, frequentava a Universidade de Mississippi, mas nunca durante um período de tempo suficiente para tirar um diploma. Trabalhou para a universidade como pintor de casas e como agente postal, durante algum tempo, mas foi demitido por «falta de atenção ao cumprimento do dever».

Finalmente deixou Oxford e instalou-se em Nova Orleans, no Estado de Luisiana, onde fez amizade com o falecido Sherwood Anderson, famoso romancista e contista norte-americano. Anderson conseguiu despertar a atenção da revista literária Double Dealer pelas obras de Faulkner. O primeiro trabalho publicado por Faulkner foi um poema, que apareceu nessa revista.

Em seguida, Faulkner escreveu dois romances: Soldier's Pay e Mosquitoes, ambos publicados pouco depois de seu inquieto autor ter iniciado novamente suas caminhadas pelo mundo. Desta vez, partiu para a Europa a bordo de um cargueiro.

Em 1925, depois de passar um ano na Europa, regressou a sua cidade natal e arranhou um emprego como carpinteiro. Seus primeiros dois romances haviam sido publicados, mas não deram bons resultados financeiros. Em suas horas de folga, pescava, caçava e trabalhava na lavoura. Escreveu também outro romance, intitulado The Sound and the Fury, que os editores recusaram publicar devido à sua forma confusa.

Convencido de seu talen-

A ALEGRIA deixou o espírito. Vazio penetrante perturbando a sensibilidade e a razão de ser do cansado coração. Fibra estiolada inexoravelmente.

Ha um principio de fim do sentimento maior de todos.

Ha o caminho para o não feito. Para a desilusão.

Para o Nada.

A estrada boa e suave ficou nos escapinhos do passado.

Agora o não prazer, a ancia.

O indefinido gosto de sentir que a vida passa.

E a tortura por dentro. O ponto morto parado.

Coração afogado. O amor correndo para a distancia em velocidade de radar.

E o poeta sosinho

com o poema na mão e o coração acabado.

SEBASTIÃO NORÕES

INTIMA

to, apesar dessas dificuldades, Faulkner começou a escrever Sartoris, o primeiro de sua série de romances sobre a imaginária família Sartoris, de Jefferson, Mississippi. Sartoris foi publicado em 1929, ano em que Faulkner se casou com Estelle Olkham Franklin, uma viúva com dois filhos.

Incapaz de sustentar sua família com o reduzido produto de seus direitos autorais, Faulkner aceitou um emprego como superintendente noturno de uma usina de energia hidroelétrica. Durante as horas da madrugada, revisou The Sound and the Fury.

Depois de 1931, Faulkner escreveu 15 romances. Vários deles foram adaptados ao cinema. Um dos de maior êxito foi Intruder in the Dust, a história de um rapaz que defende um negro inocente da acusação de assassinato contra ele levantada com base em provas circunstanciais. O filme Intruder in the Dust foi rodado em Oxford e muitos dos vizinhos de Faulkner nele interpretaram pequenos papéis. Até mesmo o prefeito da cidade desempenhou um curto papel.

Faulkner conquistou considerável riqueza com seus romances. Pôde assim modernizar sua velha casa, comprar um avião e viajar constantemente.

Vive agora em uma fazenda situada nas colinas de Oxford, cercado por cães, gatos, vacas, cavalos e lavouras de algodão. Pela manhã escreve, utilizando a parte direita de longas folhas de papel e reservando a parte esquerda para correções. À tarde, caça e pesca. (USIS).



MARGARIDA

(Cont. da pág. 12)

da sala da frente: Pedacos de conversa: «...sabla que dava nisso»... «era estouvada como o diabo». «Deixe que o mundo ensine».

O negro Severino me traz a segunda refeição e parece contente. A sala está quase vazia. Um novo hospedeiro vem ao meu lado. O funcionário público enche o copo com a água da quartinha... O papagaio grita no alpendre. Sinto uma tristeza medonha e uma angustia que me oprime. Margarida deixou de ser uma tentação... mas levou toda a alegria desta casa.

PIANISTAS BRASILEIROS EM PARIS

A GRANDE pianista brasileira Ophelia do Nascimento fez uma «reentrées» triunfal em Paris. A artista, que se dedicou a interpretação da obra de Bach, recebeu no seu encantador «estúdio» parisiense personalidades brasileiras e francesas, entre as quais os de Bretenils, Condessa de Broglie, a dançarina Nana de Herrera, representantes do Instituto de Cultura Hispanico e alguns críticos. Depois da sua sensacional interpretação da Toccata de Bach, o grande crítico Michel Georges declarou que há 50 anos não experimentava semelhante emoção.

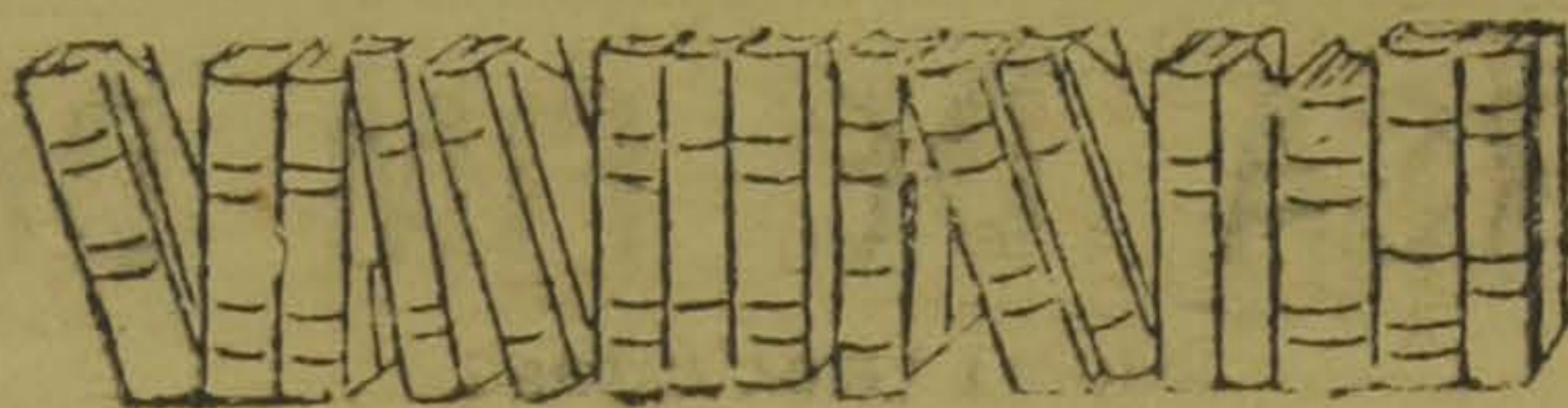
Por seu turno a jovem pianista brasileira Maria Lopez deu um concerto na sala Chopin, revelando verdadeiras qualidades de artista e musicista na interpretação da obra de Bach, Chopin, Beethoven e Liszt. O embaixador do Brasil na França, o diretor geral da UNESCO Torres Bodet, personalidades brasileiras em França, entre as quais a grande pianista Ophelia do Nascimento, que assistiram ao concerto, felicitaram calorosamente a artista.

VARIAS

«NOITE DE NATAL»

O NATAL, a época do ano que mais toca o coração das criaturas humanas, talvez justamente por ter o condão de despertar nos seres mais endurecidos os sentimentos mais nobres, sempre interessou bastante os artistas, e, de maneira especial, os escritores, levando estes a criar um tipo de conto: o «conto de Natal», que celebrou muitos autores. Em virtude de agradar a um imenso público, o «conto de Natal» tenta as hostes dos literatos canhestros, sedentos de glória. E por isso deparamos, todos os anos, nos últimos dias de dezembro, ao folhear jornais e revistas, uma verdadeira catadupa de «contos de Natal», na maioria das vezes convencionais, ou de melosa sentimentalidade. No entanto, tão ridículo excesso não decreta o «conto de Natal», realmente artístico, que tem sido prestigiado pelos maiores escritores nacionais e estrangeiros. A coletânea que a Coleção Saraiva apresenta neste mês festivo e emocionante, reúne alguns dos melhores contos de Natal, feitos no estrangeiro e em nosso país. Escritores famosos em todo o mundo, como Anatole France, Selma Lagerlof e O. Henry, e contistas celebrados em nosso país como Machado de Assis e Coelho Neto, não desdenharam de modo nenhum essa espécie de conto, favorita dos leitores, e, inspirando-se na comemoração do nascimento de Jesus, escreveram páginas, que são da mais elevada qualidade. O «conto de Natal» não é rígido; admite as mais diversas concepções de vida e de arte. Portanto, «Noite de Natal» está longe de ser uma coleção de histórias, monótona, monocórdica. Pelo contrário, cada um dos vinte contos do volume revela uma individualidade fortemente característica.

«Noite de Natal» foi organizado por Mario da Silva Brito e Cassiano Nunes, nomes conhecidos nos nossos meios literários.



«RATHINA»

MAIRIN GREGAN — 190 págs. — Ilustrado — Edições Melhoramentos.

NA sugestiva linha de romances leves publicados pelas Edições Melhoramentos aparece agora «RATHINA», autoria de Mairin Gregan, que graças a esse lançamento oportuno tem o seu nome em boa hora divulgado no Brasil.

RATHINA é leitura agradável para todas as idades porquanto a cada uma delas oferece encantamentos próprios. Existe nas suas páginas a movimentação e a aventura tão do agrado dos jovens como também uma tessitura de conflitos e posições sentimentais requeridas pelos apreciadores adultos.

O volume conta a história de um pôltro, bonito e fogoso, enchendo de esperanças seus donos e amigos e que afinal, depois de uma dura série de vicissitudes termina por levantar em memorável carreira o Grande Prêmio Nacional, contemplando dessa maneira aqueles que nele confiaram e desveladamente o assistiram, trataram e treinaram. É como se vê uma lição de amor ao animal e de como se deve atende-lo para que se possa esperar dele o muito de serviços e de satisfações a que estão naturalmente destinados.

Este volume apresenta uma série de magníficas ilustrações devidas a um artista original e genial, Eduard Loeffler. Graças a uma técnica pessoal e inconfundível, fez de cada ilustração uma preciosidade que sobremodo realça o texto já de si atraente. Tradução de Luis Galantée.

«REVISTA DE CULTURA»

DE Recife, chega nos «Revista de Cultura», publicação que obedece a orientação dos srs. Oliveiros Litrento e Waldemar Valente.

O presente número que corresponde aos meses de julho, agosto e setembro, trás colaborações assinadas por Mario Sette, Oliveiros Litrento, Plinto Ferreira, Aloysio Branco, Paulo Veloso, Carlos Moreira, José Mucinie, Soriano Neto, Arnóbio Graça e Waldemar Valente, além de uma entrevista de Oliveiros Litrento com o poeta Mauro Pessôa, etc.

«RUMOS» N. 1

DE Lajes, em Santa Catarina, chega nos o número de estreia de «Rumos», publicação que obedece a orientação de Guido Wilmar Sassi. Assinam trabalhos: André Lhote, Natal Chiarello, Guido Wilmar Sassi, Elisiário de Camargo Branco, Evaldo P. Henkemaier, Rubens Nazareno Neves, Mario de Andrade, Alceu Wamosy, Walmar Cardoso da Silva, Antonio Paladino, A. Castro, Evilaslo Nery Caou, Mauro Ataíde, Helio Rosa e Silveira Junior. Boa apresentação.

«JORNAL DAS ARTES»

DE Guiratinga, Mato Grosso, recebemos o primeiro caderno de «Jornal das Artes», órgão da Associação de Intercâmbio Cultural que ali se edita sob a orientação de Raimundo Maranhão Aires.

Merece a referida publicação, que corresponde ao primeiro semestre do corrente ano, elogiosas referências.

Bôa colaboração. Aspecto material recomendável.

DE PORTUGAL

JOSE OSÓRIO DE OLIVEIRA, nome tão conhecido no Brasil, publica um livro: «Visão completa de meio século da Literatura Portuguesa».

EM FAVOR DA ÓPERA

UMA empresa modesta mas muito ativa é o «Grand Opera Group», formado por uma meia dúzia de músicos que, patrocinados pelo Conselho de Artes, estão percorrendo a Grã-Bretanha, visitando mais de 700 cidades e aldeias sem teatro, oferecendo programas de trechos de óperas. Os excertos são acompanhados ao piano, e um membro do Grupo apresenta cada ópera. A excursão, é, portanto, uma espécie de campanha artística educativa, trabalho pioneiro em favor da ópera. E, conforme assinala o prospecto do Grupo, seu objetivo é «estimular o apetite dos jovens e reviver as lembranças dos amantes da ópera».



CONVERSA DE FIM DE ANO

JOÃO DA VEIGA CABRAL

ENCONTREI o velhinho meu muito conhecido. Ele apertou a minha mão.

— Nosso Senhor lhe dê felicidades no ano novo.

Abracço-o.

— Deus lhe dê as mesmas.

Ele sorria, contente. Uma alegria sem ver-de-que, como contenteza de menino, clareava as sombras do seu semblante de octogenário. Fiteio-o. Os seus olhos cansados, embaciados, não refletiam mais a luz da vida. A grande paz descia sobre ele. Certamente ia comprar bolos para os netos que constituíam todo o seu mundo do presente. Um mundo com que, em espírito, já se identificara. Não tinha, mais, qualquer problema. Alheiar-se, inteiramente, a tudo o que se passava fora do seu pequeno círculo de ternura. Filhos e filhas casados, alguns velhos amigos e as crianças enchiam todo o confortável final da sua existência. E, por isso, aquela alegria inconsciente, tóla, de irresponsável.

Foi-se embora, pisando miudinho, rumo à pastelaria mais próxima.

Homem feliz — pensei. Safa-se em tempo, calmamente, da tormenta que já vem rugindo por aí a fora. Adormecerá como um menino, enquanto a fogueira dos infernos se acende sobre a metade final do Século Vinte.

— x —

UM pouco adiante, um moço a quem estimo de veras veio caminhando para o meu lado. Andava de vagar, olhando para os pés, como que ruminando alguma idéia muito séria. Foi preciso que eu o chamasse para falar com ele. Tomei a iniciativa e lhe apresentei os meus votos.

— Mil, um milhão de felicidades desejo a você no ano novo.

Ele correspondeu, sem qualquer entusiasmo. Rapaz de vinte anos, inteligente, estudioso, carregava uma porção de coisas tremendas na cabeça. Eu o conhecia bem e ao seu modo justo e razoável de encarar a vida e o seu tempo. Era um descrente de um destino bom para a sua geração. Naquela idade, em que tantos outros jovens se voltavam, inteiramente, para a expansão física dos esportes, para as solicitações do sexo, para o encanto das ligações românticas, ele já era um pensador. E, assim sendo, tornara-se ain-

da adolescente, um homem triste.

— Me diga uma coisa, meu velho. Você acredita mesmo em felicidade de quem quer que seja e principalmente de um moço, no ano que vem ou nos anos se se seguirem pela segunda metade deste século? Diga só se acredita.

Ele me encarava, carrancudo. Eu também não acreditava nada. Sinto medo, um medo grande que não sei nem mesmo explicar, dessa metade de século que vem vindo. Mas aguentei, para não dar parte de mole.

— Acredito.

O rapaz apertou a minha mão.

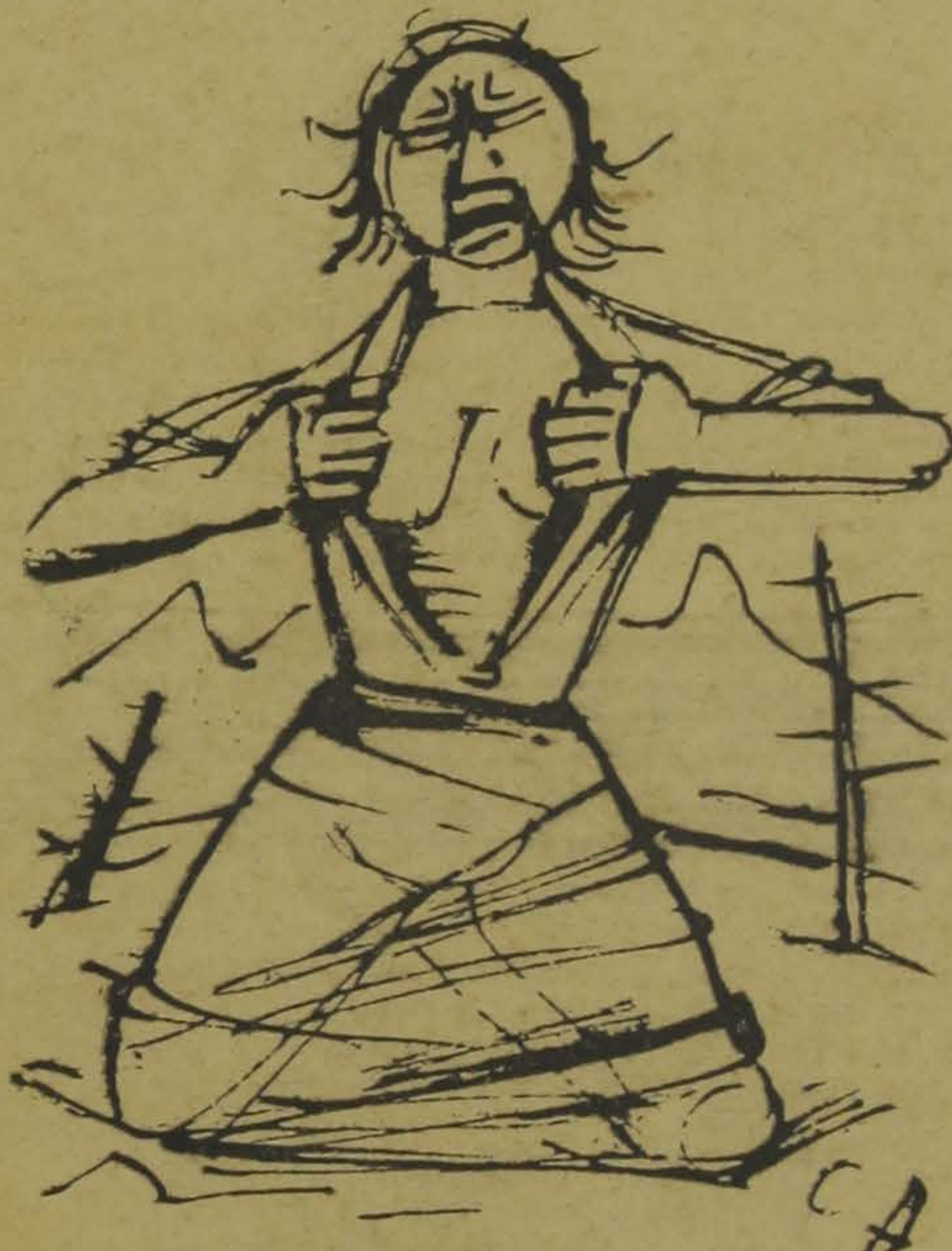
— Pois então, lhe fico muito grato pelos votos. Até mais tarde.

E lá se foi, de cabeça baixa, remoendo aquela porção de coisas tremendas que lhe andavam a machucar os miolos.

— x —

Comecei, então, a comparar, mentalmente, as duas atitudes. A do velhinho a quem o túmulo concedera simples moratória. E o moço, inteligente, forte, com uma comprida existência e um excelente futuro diante de si. O primeiro, contente, como o animal de que retiram a carga e que vê, diante de si, o campo livre. O outro, amargurado, apreensivo, caminhando sem vontade como o bicho que arrastam para o matadouro. Eu sentia perfeitamente como devia andar o coração daquele rapaz desanimado. Ele sofria como eu — muito mais ainda, dada a nossa diferença de idades — do trágico privilégio de ter que viver o mais trágico dos séculos. O século do ódio organizado. E, menino ainda, alcançava o seu período mais agudo. Vontades poderosas, ressentimentos terríveis, rancores avolumados pelos tempos, interesses que não poderiam mais se conter, marchavam, pelos caminhos da terra, em direções convergentes. E a grande, a suprema colisão ia se dar, inevitavelmente. Sobre o peito da sua geração bateriam, em cheio, os arremessos mais destruidores da fúria desencadeada. E o moço temia, cheio de ansiedade.

Sobre os seus ombros, sobre o seu coração inocente, o Século Vinte descarregava, agora, o depósito sinistro da sua malvadeza.



Desenho de Carl Hoffer, expressionista alemão, que figurou na exposição conjunta do Museu de Arte de São Paulo